

---

---

## **Resumo de Teses e Dissertações**

---

---

# **MEDO E EXCLUSÃO SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE A MORTE, O MEDO DOS POBRES E O MEDO DE POBRES<sup>1</sup>**

**Gislene Aparecida dos SANTOS<sup>2</sup>**

---

A proposta desta pesquisa é pensar a questão social e as relações políticas sob a ótica dos afetos enfocando, mais particularmente, o sentimento de medo. Parto da hipótese de que esta abordagem estivesse sendo pouco investigada pelos estudiosos das ciências psíquicas que prefeririam tratar o medo, enquanto patologia, e se esqueceriam da reflexão sobre sua presença/influência na construção da sociedade, na distribuição do poder dentro dela, na construção de ideologias e em sua perpetuação.

Constatou-se que o medo é o sentimento a partir do qual revelam-se as contradições e os conflitos sociais. Verifiquei este fato em dois momentos: num primeiro, através do estudo de entrevistas com pobres para compreender como eles falam de si e de seus medos; num segundo, através do estudo de dois jornais de grande circulação para compreender como a sociedade descreve seus temores.

O medo da violência, e da morte violenta, foram a tônica em todas as falas dos entrevistados e nas matérias dos jornais. O conflito social evidencia-se quando se constata que, a partir desses medos, surge uma representação do pobre como veículo da violência e estabelece-se um consenso sobre sua periculosidade. Este consenso justifica e torna aceitável a violência praticada contra os pobres, a exclusão a qual são destinados e sua desumanização.

A violência que lança um braço para fora do homem envolvendo seu espaço externo, lança outro para dentro do homem envolvendo seu espaço interno fazendo com que o medo do sofrimento, do abandono e o medo do medo sejam

vivenciados como culpa. A culpa é gerada pelo sentimento de que são eles, os pobres, os mais violentos, aqueles que trazem desarmonia à sociedade, que lembram ao homem sua ferocidade; são eles o retrato da feiúra, aqueles e aquilo do que se deve fugir, o que não se quer, a negação do humano. Sentem-se como se, de alguma forma, devessem ser punidos pelo mal que recobre suas vidas. Desta forma, pode-se constatar que o pobre torna-se temível pela violência que lhe é atribuída e que muitas vezes pratica e sente-se temeroso e culpado pela violência não nomeada que lhe é sistematicamente infligida.

Verifico, por fim, que os pobres temem justamente aquilo de que são vítimas, temem ser desumanizados, porque são desumanizados, temem ser violentados, porque são violentados, temem ser excluídos porque são excluídos. E esta desumanização, violência e exclusão são naturalizadas, quando o senso comum difunde que eles são os culpados por ela, visto que foram eles que as trouxeram ao mundo, lhes deram vida e, por isso, a merecem.

Contudo, o consenso não se encontra somente nos pontos de intersecção entre o medo dos pobres e o medo de pobres e na interiorização de que o pobre pode ser ou é a classe perigosa. O consenso também se estabelece no entendimento da sociedade, da desigualdade social e da violência, como sendo fruto da ação separada de um segmento ou setor da população identificados, desta forma, com o mal e como maus. Tanto nos jornais, quanto nas falas dos entrevistados, aparece a idéia de que não é a estrutura social que

---

<sup>1</sup> Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Psicologia da USP - junho de 1998.

<sup>2</sup> Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

provoca a desigualdade e sim algumas pessoas más, não generosas, violentas...

A idéia de que a sociedade se organiza a partir da ação de segmentos bons lutando contra segmentos maus, justifica a concepção de que não é a pobreza, mas o pobres que devem ser eliminados (alguns pobres, os maus, os que são estranhos, violentos, loucos); não é a riqueza, mas o rico que deve ser atacado (não todos os ricos, alguns ricos, aqueles que são gananciosos, sem coração, os maus). E, desta forma, as relações sociais transformam-se em exercício de vontades, quereres entre pessoas boas e pessoas más, entre

os perigosos e os não perigosos, oferecendo os nutrientes necessários à fortificação do medo e do mascaramento das divisões intrínsecas à sociedade.

Concluo que o medo dos pobres e o medo de pobres tornam-se, portanto, o mesmo medo: o medo do outro como veículo de destruição (da ordem, da harmonia social, da propriedade, do emprego, da vida). Por isso, as diferenças estruturais da sociedade, a desigualdade, os antagonismos e as contradições se mostram através do medo.